

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA



BOLETIM

UMA PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DA SBHP

VOLUME 1 NÚMERO 1
AGOSTO DE 2018

SUMÁRIO

EDITORIAL

- APRESENTAÇÃO DO BOLETIM** 1
Arthur Arruda Leal Ferreira

ARTIGOS

- HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA E O TESTE DE INTELIGÊNCIA NAS MÃOS DE UM MESTRE** 3
Annette Mülberger
- DUAS PALAVRAS SOBRE DIGITALIZAÇÃO ARQUIVÍSTICA E UM CONVITE** 10
Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa
André Elias Morelli Ribeiro
- FIFTY YEARS OF CHEIRON: THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE HISTORY OF BEHAVIORAL AND SOCIAL SCIENCES** 16
David K. Robinson

RELATOS

- RELATO DE UM GRUPO DE PESQUISA QUE TRABALHA COM A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA** 21
Paulo Coelho Castelo Branco
- I CONGRESSO DE PSICOLOGIA BRASILEIRA: UMA VIAGEM À PARNAÍBA (PI)** 24
Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa
- HISTÓRIA DA PSICOLOGIA, DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA E DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM FOCO NO 36º ENCONTRO HELENA ANTIPOFF** 28
Rodolfo Luís Leite Batista
- XXXI SIMPÓSIO DA SEHP (OU SMALL IS BEAUTIFUL)** 32
Arthur Arruda Leal Ferreira

ENTREVISTA

- UM ENCONTRO COM HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES** 35
Entrevistador: Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa

DIVULGAÇÃO

- DISSERTAÇÕES E TESES (2017)** 41

Ago 2018

UM ENCONTRO COM HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES

ENTREVISTADOR: HUGO LEONARDO ROCHA SILVA DA ROSA

Apresentação de um muito breve e especial encontro

Foi em junho passado que me encontrei com a professora Heliana para uma entrevista a ser publicada neste boletim. Minha intenção era proporcionar ao público material audiovisual, filmado em *Full HD* e áudio captado com microfone de lapela, mas por uma infeliz distração técnica infelizmente não foi possível. Espero que a entrevista em texto possa satisfazer aos interessados.

Heliana de Barros Conde Rodrigues é professora do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi onde, inclusive, gentilmente me recebeu para a entrevista, com o bom humor e a alegria que a caracterizam. Seus principais campos de estudo e interesse são a Análise Institucional, Práticas Grupais, História Oral, História da Psicologia e o pensamento de Michel de Foucault. Em 2016, publicou pela editora Lamparina o livro *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil: Presença, Efeitos, Ressonâncias*. As perguntas abaixo foram pensadas e formuladas coletivamente, havendo a colaboração do prof. Arthur Arruda Leal Ferreira e do prof. André Elias Morelli Ribeiro.

1. Como você cartografa a produção em história da psicologia no Brasil?

Se eu fosse cartografar, diria que tem uma linha chatíssima, muito de história positivista. Nomes, datas, linhas do tempo que são hagiografias, mostrando como a psicologia é maravilhosa e tem seus pioneiros. Tem essa linha. Tem uma outra linha muito frágil que seria mais materialista-dialética, e que eu não vejo funcionando muito. Não muito no Rio de Janeiro, pelo menos - talvez na PUC-SP haja trabalhos mais interessantes. E há a perspectiva genealógica, ou arqueogenealógica, que considero a mais interessante, a qual muitos de nós, na UERJ, UFF e UFRJ estamos ligados. Além de Foucault, essa vertente recorre a Deleuze e Guattari, Latour, Vinciane Despret, Isabelle Stengers...em combinações às vezes monstruosas, mas sempre maravilhosamente inquietantes e indisciplinadas. É a linha às vezes flexível, às vezes de fuga, onde que gosto de me ver envolvida.

2. Indo um pouco além da História dos saberes *psi*, como é a relação dos historiadores com Foucault?

A história que os historiadores contam da relação deles com Foucault é de uma divisão básica entre marxistas e foucaultianos. Penso em um artigo de Margareth, antigo, a marca da pantera, em que ela conta uma história muito engraçada. Foi muito difícil acolher as postulações

do Foucault, pois você estaria fazendo história que não leva em conta a luta de classes, uma história despolitizada, o que era um desconhecimento na maior parte das vezes. Ou então se fazia uma combinação esdrúxula: um capítulo sobre conjuntura, totalmente marxista, depois um capítulo sobre uma instituição que seria a escola tal, um reformatório não sei o que, e aí usava Foucault, sem perceber que isso não faz o menor sentido porque não existe esse contexto-texto para Foucault. Tudo é texto, tudo é contexto. Hoje em dia, acho que não está tão duro esse diálogo. Hoje em dia, aliás, vendo por onde tem ido os historiadores que também são reações às vezes... história é um campo incrível. Falo isso por conhecer posturas, não passava pela bibliografia não. Hoje em dia acho que até tem uma aliança com os marxistas para enfrentar uma linha dura na história que também é terrível. Tem alguns historiadores midiáticos dizendo coisas abomináveis, tipo assim: neoliberalismo é um avanço civilizatório, uma coisa desse tipo. Então, hoje em dia é muito mais difícil ignorar a produção foucaultiana na sua força, os cursos, artigos. Ir além dos livros. Hoje em dia é mais fácil ignorar isso, ninguém gosta de bancar o idiota. Agora, o que eu vi até por conta da dissertação de um ex-aluno que está fazendo mestrado em filosofia na PUC, Foucault hoje é responsável pelas *fakenews*, pela pós-verdade. Também tem isso: você tem uma ampla produção agora, em vez de ser como era lá com a briga com os marxistas - que não levava em conta a luta de classes, é uma muralha da burguesia - agora ele é responsável pelas *fakenews*, pela pós-verdade, pelo antirrealismo. Nem consigo te apontar quem fala isso. E uma das coisas que ficamos discutindo, e isso eu acho interessante, por que é que o pobre do careca é sempre resgatado para alguém bater ou para alguém defender? Falar em Foucault dá audiência: fale bem ou mal, mas fale de Foucault, assim todo mundo vai querer saber o que você está dizendo, não só aqui mas até nos Estados Unidos e Europa. Volta e meia, tem exemplos assim: teve o Mario Vargas Llosa falando de Foucault quando recebeu o prêmio; você tem aquele menino que é irmão da Marina, Antonio Cícero, uma vez falando mal de Foucault. O Ferreira Gullar fala mal de Foucault porque ele quer a volta do hospital psiquiátrico para cuidar dos filhos. Foucault entra em qualquer coisa: foi responsável pelo fim do hospital psiquiátrico. Se existe vida após a morte, e aí estou quase na pós verdade, ele deve se divertir muito, acredito, com essas questões. Mas eu acho que é porque dá audiência. Quando estiver pronta a dissertação do Vitor a gente vai se divertir bastante porque eu até incentivei que ele buscasse isso, fizesse uma cartografia de onde “enfiam” Foucault, seja em uma literatura mais acadêmica, seja na coisa mais jornalística.

3. Vejo no seu trabalho uma presença da história oral. Como você acha que esse campo poderia contribuir para a história do campo *psi*?

Meu interesse pela história oral surgiu totalmente ao acaso. Eu estava trabalhando na ideia de fazer uma história da análise institucional no Brasil e aí fui apresentada, num encontro qualquer, aos primeiros movimentos disso, e alguém me disse assim: ah, você está trabalhando com a história imediata, história do presente, por que não usa história oral? Não sabia o que era história oral. Você começa a ler e começa a perceber que na história oral também há tendências interessantes, e umas horrorosas. Você tem as mesmas divisões. Aliás, as divisões em todo o campo são muito parecidas. Tem toda uma discussão se a história oral é uma teoria, um método, uma técnica...umas chatices. Você tem a eliminação total da oralidade, transformar em texto. E você tem algumas pessoas interessantíssimas que você vai descobrindo lendo. Descobre o Alessandro Portelli, um cara fabuloso. Descobre o Alister Thompson, um australiano que eu também acho muito bom. E descobre velhotes clássicos, como o próprio Thompson. *A voz do passado* é um livro interessante.

História oral é boa para quê? Pra mudar os rumos da pesquisa. Você nas entrevistas descobre aquilo que jamais pensou, alguém vai te apontar um caminho que é o que não está gravado. Pegando a expressão do Paul Thompson: a história é um grande gravador, ela registra algumas coisas e não outras. Pegando via Foucault, ele fala do documento pouco lido. Pegava lá a história do Pierre Rivière. Era grosso, peguei, fui lá e...é isso. É alguma coisa pouco advertida que nas entrevistas aparece a todo momento, um negócio estranhíssimo. Você *genealogiza* o que não estava muito arrumadinho. O Portelli é o valorizador da oralidade. Tem coisas também na experiência que é diferente de disputar documento com camundongo. É outra aventura, arriscada também. Ansiogênica, mas produz coisas maravilhosas: amizades, transformações. Então o Portelli pega mais por aí, o próprio viver dessa coisa, e o Alister pega uma coisa muito interessante que é como romper com aquilo que é sempre lembrado...que ele usa na história. O que é que nunca foi contado? Ele pergunta isso diretamente. No começo da pesquisa dele, ele vai perguntar não sobre o heroísmo, mas sobre a covardia. O cara nunca tinha o lugar para falar do seu medo, perguntando diretamente para os caras que nunca iam às comemorações e estavam totalmente ferrados.

Memória ferra com as pessoas também, e às vezes você precisa criar outros espaços. Na psicologia isso é interessante. Uma coisa que, por exemplo, eu tenho visto aparecer: tem um cara argentino, esqueci o nome dele, depois eu tento descobrir. Talvez o Arthur conheça. Ele